

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: UM INVENTOR DO PASSADO?

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: AN INVENTOR OF THE PAST?

Michelplatini Basílio*

RESUMO: Este artigo tem a pretensão de discutir o pensamento histórico de Sérgio Buarque de Holanda chamando a atenção para a representatividade em sua produção historiográfica. Desta forma procuraremos demonstrar que o bem escrever constitui uma das preocupações fundamentais de Sérgio Buarque de Holanda para que suas idéias sejam entendidas pelos seus leitores e como um local de levá-los conseqüentemente a adquirirem consciência histórica.

Palavras-chave: Escrita histórica, temporalidade e consciência histórica.

ABSTRACT: This article purports to discuss the historical thought of Sérgio Buarque de Holanda calling attention to the representation in their historical production. Thus try to demonstrate that good writing is one of the key concerns of Sérgio Buarque de Holanda so that their ideas are understood by their readers and as a place to take them therefore to acquire historical consciousness

Keywords: Historical writing, temporality, and historical consciousness.

Todos os seres humanos são participantes da história, fazemos história no sentido que a história independente de existir enquanto ciência ela existe enquanto processo. Portanto, somos todos seres ontológicos e de existência real e prática. Já a ciência histórica busca dar sentido e perceber o sentido das ações humanas no tempo, ou seja, interpretá-las. Desta forma o historiador com sua erudição, com sua capacidade imaginativa é capaz de evidenciar épocas passadas; na expressão de Michel de Certeau (2000, p.108) seu trabalho consiste em “dar lugar aos mortos como um meio de dar lugar aos vivos” ou com Agnes Heller (1993, p.85) em “dar sentido a alguma coisa” em tornar o desconhecido em conhecido, o inexplicável em explicável.

Antes de falarmos de uma escrita buarqueana da história é necessário discorrermos sobre o conceito de historiografia. Segundo Michel de Certeau (2000, p.11) historiografia quer dizer história e escrita trazendo em seu próprio nome dois termos contraditórios: o real e o discurso. Para Certeau, o valor que damos a técnica, coloca a história do lado da literatura ou da ciência, para ele “fazer história é uma prática” que é mediatizada pela técnica, onde os historiadores com frequência fazem uso das “ciências auxiliares” como a paleografia, musicologia e a informática. Mas a técnica para Certeau não é tudo, “a história não começaria

* Graduado em História pela UEG. Contato: michelplatinibasilio@hotmail.com. Artigo recebido em: 10/03/2011. Aceito em: 25/05/2011.

senão com a palavra interpretação. Ela seria finalmente uma arte de discorrer que apagara, pudicamente vestígios de um trabalho” (CERTEAU, 2000, p.78).

Tendo o tempo como seu “material de análise”, o historiador parte do tempo presente para distinguir de seu “outro” (passado), desta forma ele historiciza o atual, pois presentifica uma realidade vivida e torna o passado presente através de um discurso (narrativa). A escrita da história é o corolário da pesquisa, o processo de construção de um texto historiográfico é controlado por ela. “O discurso histórico, pretende dar conta de um conteúdo verdadeiro, mas sob a forma de narração” (Idem, p.100).

A pesquisa dá verificabilidade a historiografia, isso explica segundo Certeau, a utilização por parte dos historiadores de citações e referências, que tem como principal função comprovar o discurso introduzindo no texto um efeito de real, produzindo credibilidade e validade do saber (Idem, 2000, p.101). Em sua historiografia o historiador busca sempre “contar como tudo efetivamente aconteceu”, a realidade da experiência humana no tempo é a matéria-prima do historiador e nesta fronteira entre o dado e o criado é que ele age desvelando o passado através de um procedimento cognitivo por meio de uma pesquisa metódica das fontes (RÜSEN, 1996, p. 82).

No processo de representação do passado em forma de narrativa, o historiador apenas busca produzir uma narrativa verossímil daquilo que aconteceu no passado. Entretanto, ele tem que ter em mente que nunca abarcamos a totalidade do passado almejado. Pois o que chega até nós historiadores são somente resquícios, fragmentos deste passado e não a sua totalidade. Segundo Paul Veyne:

A história é, em essência, conhecimento por meio de documentos. Desse modo, a narração histórica situa-se para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento; ela não é um documentário em fotomontagem e não mostra o passado ao vivo ‘como se você estivesse lá’ [...] ela é *diegesis* e não *mimesis*. Um diálogo autêntico entre Napoleão e Alexandre, ainda que tivesse sido conservado pela estenografia, não seria ‘copiado’ tal qual na narrativa: o historiador preferirá, geralmente, falar sobre esse diálogo; se o citar textualmente, o fará para obter um efeito literário, destinado a dar vida a trama, ou seja, o *éthos*, o que aproximaria a história assim da escrita da história romanceada. (VEYNE, 1982, p. 72)

A partir da citação podemos perceber que os documentos que chegam até nós não é a cópia do real, mas representações de pessoas que viveram numa determinada época, portanto passíveis de deturpações e de variações conforme um fato ou evento que ocorreu no passado. A citação do documento como afirmou Paul Veyne produz no texto historiográfico um efeito literário aproximando a história do romance, mas não se trata aqui de produzirmos uma visão

dicotômica entre a história e a literatura, Pois assim “como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página” (VEYNE, 1982, p.18).

Mas diferentemente da literatura seu objeto é outro, enquanto “a literatura versa sobre coisas que não ocorreram; a historiografia lida de uma ou de outra maneira - com o que ocorreu. Historiadores escrevem sobre fatos e seu sentido, a serem claramente distinguidos da ficção e do mito” (MARTINS, 2009, p. 63 - 64). Os teóricos pós-modernos têm dado recentemente bastante ênfase ao triunfo da subjetividade e da sensibilidade particular do historiador, segundo as conclusões de Martins (2009) para estes teóricos a historiografia não passaria de ficção escrita de modo realista, recorrendo com veemência a citações e notas de rodapé para dar uma impressão de rigor e uma eficácia de real.

Não se trata de opor a literatura à historiografia, porque no processo de representação do passado em forma de narrativa a história se aproxima da literatura, pode até se dizer que a historiografia chega a ser literatura, mas que ela é uma “literatura controlada” pelos procedimentos metódicos de pesquisa. Reconhecemos o envolvimento da subjetividade do historiador na representação do passado, pois como afirmou Paul Veyne também fazemos parte do “teatro da história” e sentimos paixões e que mesmo sofrendo uma “purificação”, elas são vividas intelectualmente (VEYNE, 1982, p.74). Partindo destes pressupostos veremos como Sérgio Buarque de Holanda construía sua narrativa histórica.

Para Sérgio Buarque de Holanda há uma nítida distinção entre uma obra de história e uma obra de literatura, para ele a história não constituía um gênero literário (HOLANDA, 2004, p.127), mas reconhecia como necessárias ao bom historiador o uso de qualidades literárias:

A idéia de que este ofício só ganha cunho verdadeiramente científico se fizer uso de uma terminologia simplificadora e um tanto sestrosa, não passa de má caricatura de outra idéia, esta legítima, a saber, que o zelo pela linguagem e, se quiserem, até recursos lingüísticos adequados, são instrumentos que o historiador que se preze não deve jogar no lixo. Lidando com o concreto e o abstrato, com o único e o múltiplo, com o individual e o genérico, à própria espessura e densidade do material que estuda repugnam a locução rala, descolorida, indiferenciadora, inerte ou informe (HOLANDA, 2004 b, p.126).

Para ele no processo de representação do passado em forma narrativa, a linguagem a ser empregada deve atrair a atenção dos leitores, ser chamativa, só uma escrita bem elaborada e com uma linguagem adequada que pode conseguir este prodígio. O historiador lida com o concreto e o abstrato, neste sentido não é só o conhecimento específico da história que ele

deve se apropriar, mas também dos recursos literários que expressem suas idéias com clareza e que possam ser entendidas pelos seus leitores.

Em artigo onde discute o “*estilo e o método na obra de Sérgio Buarque de Holanda*”, Maria Odila L. S. Dias nos mostra que a sua principal contribuição para o estilo do historiador estava em seu instrumento interpretativo, na qual “a linguagem do historiador e as palavras eram a ponte entre a sua consciência e as do testemunho da época” chamava a atenção para a “historicidade cambiante das palavras”, buscando sempre o concreto e a mudança no tempo através de um estilo meticuloso de escrever (DIAS, 1988, p.73).

Sérgio Buarque foi durante sua vida crítico literário tornando possível a aquisição de uma grande erudição e de um rico vocabulário por sua parte. Com o objetivo de levar ao leitor a palavra adequada às vezes reescrevia trabalhos inteiros, foi o que demonstrou José Sebastião Witter (1988) em prefácio á obra póstuma *O extremo oeste (1988)* na qual ficou inacabada por ocasião da morte de Sérgio Buarque. Segundo Witter (1988) esta obra antes de ser publicada teve que passar por uma correção de sua parte; a obra se encontrava com várias repetições de palavras, que não teriam passado ao olhar minucioso de seu mestre. No entanto, Witter ao pesquisar nos originais de Sérgio Buarque notou que o historiador estava fazendo uma série de correções na obra; nas correções buscava sempre a palavra adequada ao entendimento do leitor. Em suas obras a erudição e o linguajar do historiador combinam na interpretação do processo histórico.

Sérgio Buarque chamava a atenção para o poder cognitivo das palavras, para ele “todo conceito passível de definição fugia aos parâmetros do conhecimento histórico. Caberia ao historiador contemplar e observar, porém jamais definir ou esquematizar as forças atuantes numa dada época do passado” (DIAS, 1988, p.74). As palavras tinham seu movimento no tempo se estruturando e desestruturando a cada instante. Assim os sentidos que as palavras podiam ter ao longo do tempo são múltiplos, e ao ver de Sérgio Buarque era necessário tomar cuidado com elas por que jogadas em outro contexto às vezes nada podiam dizer. No artigo *O senso do passado* encontramos um trecho bastante esclarecedor em relação à historicidade das palavras:

O que está literalmente na passagem é que a cidade do Salvador era, ‘das colônias do Brasil, a mais freqüentada de gente policiada’, o comentador não teve dúvidas: Vilhena queria falar em polícia, portanto em gente armada, portanto em militar. O estranho é que não lhe passou pela cabeça que a palavra ‘policiada’ pudesse ter, e no caso tinha, o sentido de ‘cultivada’, ‘refinada’ e, em suma, ‘civilizada’, ou seja, quase o oposto daquilo que a palavra ‘polícia’ costuma evocar atualmente. O que o cegou, provavelmente,

foi a convicção inabalável de que uma só e uma mesma palavra só pode ter um só e o mesmo significado.[...] Até 1815, inclusive, só escrevia ‘policia’’. Ao tempo em que Vilhena redigia suas cartas é muito provável que as formas ‘civilização’ ou mesmo ‘civilizado’ não tivessem entrado no Brasil no uso vulgar. Não teria com facilidade uma alternativa senão a de recorrer a ‘policia’ quando pretendia aludir àquela gente que freqüentava Salvador, mais do que outros lugares da Colônia. Embora já não fosse residência dos vice-reis, a cidade baiana era mais populosa do que o Rio de Janeiro, por conseguinte mais *cidade*, talvez, e até se justificaria o haver nela maior número de gente ‘policia’, pois ‘policia’ prende-se ao grego *polis* (como também ‘civilização’ procede de *civis, civilis, civitatis*) (HOLANDA, 2004, p.118-120).

O tal comentador de Luis dos Santos Vilhena empregou a palavra “policia” no sentido na qual empregamos atualmente, e portanto no tempo em que viveu Vilhena “policia” tinha o mesmo sentido de “civilizada”, ele não queria dizer que a população de Salvador era “vigilada” pela policia, mas que ela era culta. Sérgio Buarque nos mostra que “policia” prende-se ao grego polis e como Vilhena era professor de grego é muito provável que o sentido da palavra queria dizer “civilizada”.

Aplicar um termo que não se ajusta há um determinado período histórico é, portanto um anacronismo e para Sérgio Buarque era um erro grave do historiador e que é denominado por ele como sendo uma “doença infantil da historiografia”. Para ele não basta colocarmos palavras com expressões dúbias ou inexatas entre aspas, uma palavra colocada entre aspas é para ser entendida sem que nós historiadores sejamos responsabilizados pelo seu mau uso, neste caso o que devemos fazer é “eliminar para iluminar” (HOLANDA, 2004, p.118). Pois é dessa forma que o historiador tem que se preocupar em delimitar escrita, tempo e espaço na construção qualitativa do seu trabalho de análise.

Na visão de Sérgio Buarque o historiador tem que ter consciência do conceito e termo que ele usa ao desenvolver a sua escrita. Segundo Paul Veyne (1989) os historiadores frequentemente estão sempre frente a dificuldades que os conceitos lhes impõem, às vezes válidos para uma época e meio, em outros se tornam anacrônicos. É o caso das palavras “capitalismo” e “burguesia” que segundo Paul Veyne (1989) se torna inexata quando aplicada à antiguidade, isso porque uma pessoa grega ou romana não tem nada de um burguês e capitalista. A religião é outro conceito que o historiador deve tomar o devido cuidado, para não empregar numa religião determinada, tudo que o conceito guarda de outras religiões, pois as religiões mudam sua especificidade de uma cultura para outra.

Ainda com Sérgio Buarque temos que ele aponta que a criatividade do historiador para a adequação dos conceitos ao fluir do tempo, de transição e de vir a ser, tornava-se algo de

extremo cuidado. É de suma valia, o historiador observar as variações e as equivalências de sentidos que as palavras podiam ter nas mais diversas temporalidades procurando acertar cada palavra e adequá-la á época, á consciência dos testemunhos do passado.

Deixava-se deslumbrar pelos linguajares de época encantando pelos arcaísmos e introduzindo no estilo do historiador o modo de pensar e de se expressar dos testemunhos, não se tratava de reproduzir no texto a linguagem encontrada nos documentos, mas de criar uma linguagem específica do próprio historiador como mediação entre a sua consciência e as dos testemunhos históricos. Em suas obras o leitor cultivava as sensibilidades e as mentalidades de uma época, no Brasil dificilmente um historiador procurava construir uma linguagem adaptada á reconstituição das mentalidades (DIAS, 1988, p.75-76). É o caso da passagem onde descreve o horror de Frei Antônio do Rosário às jabuticabeiras, onde revivendo o linguajar barroco documenta o modo metafórico de pensar dos atores do passado. Assim,

‘De jabuticabas livre Deos aos pastores do rebanho de christo; são como uvas ferreais, tem raízes fora da terra’. E a razão alegada dessa incompatibilidade vinha de que, sendo a cobiça raiz de todos os males, e sendo tão públicas na jabuticabeira e tão notadas as suas raízes, só poderia isso representar interesses demasiados e insaciáveis cobiças. Razão nitidamente barroca, no velhíssimo sentido, pelo capcioso do argumento, e também no outro, pela idéia implícita de que a dissimulação pode ser proveitosa, e porventura virtuosa (HOLANDA, 1994, p.286-287).

Diferentemente dos espanhóis que buscavam a todo o momento no novo mundo o paraíso terreal, o Edém, o Gion; os portugueses demonstravam seu gosto pelo concreto, pelo sensível e pelo pormenor se maravilhando com a transformação e metamorfose da natureza para tirarem lições morais para o mundo mortal, a dissimulação da natureza, seus segredos ocultos que pudessem tirar ensinamentos que podiam ser proveitosos para o mundo prático.

Na escrita buarqueana, a sua linguagem de historiador, a interpretação dos documentos, a forma como representava o passado em suas obras faziam com que seus leitores sentissem as sensibilidades de outras épocas. Nesta passagem Sérgio Buarque nos parece sugerir a paisagem do novo mundo na era dos descobrimentos diante de nossos olhos:

Ainda quando o julgassem tão refratário a essas formas repulsivas, nada perdia o cenário americano, para numerosos viajantes, de suas misteriosas e inegáveis possibilidades. Ali o milagre parecia novamente incorporado a natureza ainda cheia de graça matinal, em perfeita harmonia e correspondência com o criador. Colombo, sem dissuadir-se de que atingira pelo Ocidente as partes do Oriente, julgou-se em *otro mundo* ao avistar a costa do Pária, onde tudo dizia

estar o caminho do verdadeiro paraíso terreal. Ganha com isso o seu significado pleno aquela expressão ‘novo mundo’, que o próprio descobridor esteve na iminência de empregar e que o humanista de Anghiera cunharia, antes mesmo de Vespúcio, para designar as terras descobertas. Novo não só porque ignorado, até então, das gentes da Europa e ausente da geografia de Ptolomeu fora ‘novamente’ encontrado, mas porque parecia o mundo renovar-se ali, e regenerar-se, vestido de verde imutável, banhado numa perene primavera, alheio à variedade e aos rigores das estações, como se estivessem verdadeiramente restituído à glória dos dias da criação (HOLANDA, 1994, p.153-154).

Os espanhóis deixavam-se levar pelos encantamentos da natureza diferente dos portugueses que procuravam usufruírem dos hieróglifos ocultos dela. Diante de um mundo ignoto, de uma natureza encantadora, onde ela parece se renovar a cada dia, onde seu verde é imutável não é de estranhar que aqueles homens com aquele pensamento medievalesco, repletos de mitos e sonhos não se deixassem impregnar por aquela paisagem maravilhosa e fantástica, associando o “novo mundo” com o paraíso terreal.

Diante daquele mundo encantador e misterioso, Sérgio Buarque de Holanda afirma: “De qualquer modo, os cenários naturais, em terra onde tudo era insólito, pareciam importar, não tanto por aquilo que aparentava, mas, sobretudo que pareciam anunciar ou dissimular” (HOLANDA, 1994, P.289). A mentalidade do homem quinhentista era repleta de mitos, a natureza com seus encantamentos os seduziam e levava-os a interpretá-la como sendo o paraíso terreal, já os portugueses que também acreditavam naqueles mitos retiravam dela saberes camuflados para seu mundo mortal.

Na obra *Monções* onde analisando o cotidiano das monções setecentistas descreve a mentalidade do monçoneiro em face do desconhecido e das forças da natureza, onde o perigo de doenças, naufrágios e flechadas eram constantes:

É inevitável pensar que o rio, que as longas jornadas fluviais tiveram uma ação disciplinadora e de algum modo amortecedora sobre o animo tradicionalmente aventureiro daqueles homens. A própria exigüidade das canoas das Monções é um modo de organizar o tumulto, de estimular, senão a harmonia, ao menos momentânea conformidade das aspirações em contraste. A ausência dos espaços ilimitados, que convidam ao movimento, o espetáculo incessante das densas florestas ciliares, que interceptam à vista o horizonte, a abdicação necessária das vontades particulares, onde a vida de todos está nas mãos de poucos ou de um só, tudo isso terá de influir poderosamente na mentalidade dos aventureiros, que demandam o sertão remoto. (HOLANDA, 1990, p. 72).

Notem que sua análise passeia pelo jogo das metáforas que evidencia ao leitor que diante de um sertão desconhecido, com suas peripécias, seus perigos, tudo aquilo influía na

mentalidade do monçoeiro. Aquele sertão tinha índios, feras e sem falar nos riscos de apanharem doenças nas brenhas selvagens, assim não é só a coragem que os acompanhou, mas também o receio de que o perigo estava mais perto do que se imagina e que um deslize por mínimo que fosse podia ser fatal. Neste sertão hostil e ainda selvagem no qual o explorador não depende somente de si, mais em muitos casos sua vida está nas mãos de uma única pessoa, nada mais natural que estes aspectos tenham influenciado nos seus modos de pensar e conseqüentemente em suas ações. Contudo com todos esses aspectos que apresentamos que ao ver de Sérgio Buarque de Holanda tenham contribuído de alguma forma sobre a mentalidade deste homem, não se trata aqui de determinismos geográficos e muito menos em determinismos biológicos, acreditava ele na ação transformadora do tempo.

Sérgio Buarque de Holanda também rejeitava o progresso linear, evolutivo e constante, buscava o particular e o singular sempre relacionava as condições materiais com a busca da sobrevivência, ao que ele denominou de “equilíbrio vital” (BLAJ, 1988, p.83). É o que diz em relação à capitania de São Vicente, ao meio encontrado pelo europeu e como este meio influenciou sobre o homem europeu exigindo-lhe novas formas de vida:

Desenvolvendo-se com mais liberdade e abandono do que em outras capitanias, a ação colonizadora realiza-se, aqui, por uma continua adaptação a condições específicas do meio americano. Por isso mesmo não se erija logo em formas inflexíveis. Retrocede, ao contrário, a padrões primitivos e rudes: espécie de tributo pago para um melhor conhecimento e para uma posse final da terra. Só aos poucos, embora com extraordinária consistência, consegue o europeu implantar num país estranho algumas formas de vida que trazia do velho mundo. Com a consistência do couro, não a do bronze, dobrando-se, ajustando-se, amoldando-se a todas as asperezas do meio (HOLANDA, 1994, p. 10).

Como já foi discutido acima não se trata de determinismos geográficos, mas Sérgio Buarque acreditava que de algum modo o meio refletia nas ações humanas. Chegado ao novo mundo este homem europeu não encontrará formas de impor sua cultura, só muito lentamente que irá implantar algumas formas de vida que lhe eram familiares na Europa, teriam eles que se adaptar a esta terra e com isto temos que diante da grande população indígena na qual se encontrava a Capitania de São Vicente, estes europeus terão que ceder muito aos conhecimentos dos seus antigos moradores, pois como sabemos eram a imensa maioria naquela capitania no período.

Nas suas obras Sérgio Buarque não buscava a dualidade entre europeu-indígena, ou seja, a cultura européia sobrepondo à indígena ou apenas o legado indígena, mas estudar o

impacto entre duas culturas em situação de fronteira (DIAS, 1985, p. 26-7) Sérgio Buarque de Holanda explica com suas palavras o conceito de fronteira utilizado por ele:

Fronteira, bem entendido, entre paisagens, populações, hábitos, instituições, técnicas, até idiomas heterogêneos que aqui se defrontavam, ora a esbater-se para deixar lugar à formação de produtos mistos ou simbióticos, ora a afirmar-se ao menos não a superasse a vitória final dos elementos que se tivessem revelado mais ativos, mais robustos ou melhor equipados (HOLANDA, 1994, p.12-13).

Conforme a citação pode se observar que Sérgio Buarque preferia estudar culturas em transformação em vez de sua estatização no tempo. Para Sérgio Buarque o processo de mudança no tempo era inerente ao conhecimento propriamente histórico. Maria Odila (1988, p.75) aponta que para Sérgio Buarque “a história era o conteúdo vivo das ciências humanas reconstituídas do prisma de sua temporalidade”. Ainda seguindo as idéias da autora, pode-se afirmar que toda a obra de Sérgio Buarque fora construída em torno de conglomerados de temas em movimento no tempo construindo eixos de interpretação e os mais amplos sobre a singularidade da sociedade brasileira, sendo esta uma das peculiaridades de seu estilo.

Em sua produção historiográfica sempre estava preocupado com a mudança no tempo e a situação de impasse que dificultava as possibilidades de transformações sociais. Na obra *Raízes do Brasil* em relação à sociedade brasileira diz o seguinte: “Como esperar transformações profundas em país onde eram mantidos os fundamentos tradicionais da situação que se pretendia ultrapassar?” (HOLANDA, 1995, p.78). Para ele o Brasil continuava com aquela mentalidade mesquinha e ridícula presente durante todo o período colonial e monárquico e que ainda era dominante na república brasileira. A classe dominante continuava chamando para si o direito de comandar os rumos da nação, porém pretendiam apenas manter seu status quo, mudanças sociais, portanto era impensável para esta elite.

Para Sérgio Buarque escrever história era uma tarefa do intelectual no presente com os problemas do presente na mente. Para Sérgio Buarque de Holanda ao escrever história o historiador devia propor questões para superar as estagnações do tempo presente, também não devia cultuar o passado, pois assim a história fugia de seu verdadeiro sentido, compreender nosso próprio tempo com suas querelas e conflitos, e os problemas que nos afligem. Nestes parâmetros Sérgio Buarque expõe sua concepção acerca do conhecimento histórico:

Esta espécie de taumaturgia não pertence em verdade, ao ofício do historiador, assim como não lhe pertence o querer erigir altares para o culto do passado, desse passado posto no singular, que é palavra santa, mas oca. Se houvesse necessidade de forçar algum símile, eu oporia aqui à figura do taumaturgo a do exorcista. Não sem pedantismo, mas com um bom grão de verdade, diria efetivamente que uma das missões do historiador, desde que se interesse nas coisas de seu tempo – mas em caso contrário ainda se pode

chamar historiador? -, consiste em procurar afugentar do presente os demônios da história. Quer dizer que, em outras palavras, que a lúcida inteligência das coisas idas ensina que não podemos voltar atrás e nem há como pretender ir buscar no passado o bom remédio para as misérias do momento que corre. (HOLANDA, 2004, p.16).

Para Sérgio Buarque “afugentar os demônios da história” é entender que este passado deve servir para nossa compreensão e não como remédio, ou solução para as nossas ‘misérias do tempo que corre’, como pretendiam os historiadores do IHGB e do IHGSP, uma história pragmática e legitimadora do político e da ordem social existente. Ao seu ver a ciência histórica devia liquidar as sobrevivências deste tipo de passado que servia unicamente para desfigurar o verdadeiro sentido do conhecimento histórico, bem como legitimar as exclusões sociais.

Para ele, “zelar pelo passado” caracterizava o compromisso principal do historiador, mas que, para ser coerente, requer que se denunciem a vontade de ressuscitar monumentos ou instituições de “eras transatas” (HOLANDA, 2004, p.109). Durante sua vida, Sérgio Buarque teve uma produção historiográfica extremamente radical. “Num tempo ainda banhado de indisfarçável saudosismo patriarcalista, sugeria que do ponto de vista metodológico, o conhecimento do passado deve estar vinculado aos problemas do presente” (CANDIDO, 1995, p.20). Como nos aponta Candido, os problemas do presente constituíam o núcleo das obras de Sérgio Buarque de Holanda, em seu tempo poucos historiadores tiveram uma visão semelhante como foi o caso de um Manoel Bomfim, que criticavam a mentalidade da nossa sociedade brasileira.

Com isso, fica expressa a preocupação de Sérgio Buarque diante de seu tempo nas constantes edições da obra *Raízes do Brasil*. Em prefácio à segunda edição, diz que se mantivesse a mesma versão originária de 1936, não teria uma obra que correspondesse a sua expectativa. Com isso,

Reproduzi-la em sua forma originária, sem qualquer retoque, seria reeditar opiniões e pensamentos que em muitos pontos deixaram de satisfazer-me. Se por vezes tive o receio de ousar uma revisão verdadeiramente radical do texto – mas valeria, nesse caso, escrever um livro novo – não hesitarei, contudo, em alterá-lo abundantemente onde pareceu necessário retificar, precisar ou ampliar sua substância (HOLANDA, 1995, p.25).

Como percebemos, a preocupação de Sergio Buarque é de produzir uma obra que seja capaz de corresponder as expectativas de seu tempo, bem como denunciar as querelas que atormentavam nossa vida social e que impediam que o Brasil se desenvolvesse e tornasse uma grande nação, havia uma mentalidade típica do colonialismo português arraigado em nosso

povo que insistia em sobreviver, a nação brasileira precisava superar suas limitações que não eram poucas, diante delas nos sentíamos “desterrados em nossa própria terra”.

Para Sérgio Buarque não é o seu próprio país que muda, mas também a sua própria visão do passado e do presente. O Brasil mudava, pouco mais mudava, e ao seu ver suas obras teriam que discutir os problemas do presente na sociedade e com isso não desejava oferecer um remédio para nossos males, mas que os brasileiros acordassem e se vissem no espelho e tomassem consciência dos rumos que a nação estava tomando, e com isso os brasileiros deviam acordar e tomar as rédeas de seu país.

Por exemplo, nas obras *Raízes do Brasil* e *Do império à república*, que foram escritas respectivamente em 1936 e 1972, períodos em que o Brasil se encontrava diante da ditadura de Vargas e da ditadura militar após 1964 sua posição foi crítica. Temos a seguinte perspectiva em *Raízes do Brasil*:

Nas nações ibéricas, à falta dessa racionalização da vida, que tão cedo experimentaram algumas terras protestantes, o princípio unificador foi sempre representado pelos governos. Nelas predominou incessantemente, o tipo de organização política artificialmente mantida por uma força exterior, que, nos tempos modernos, encontrou uma das suas formas características nas ditaduras militares (HOLANDA, 1995, p.38).

Em *Raízes do Brasil* discutia problemas aos qual o país enfrentava, o fenômeno do coronelismo estava presente em sua análise. Sérgio Buarque via nas instituições políticas brasileiras uma simples extensão da família, o brasileiro não conseguia discernir os domínios do público e do privado, prevalecendo o personalismo na política do país onde os interesses individuais se colocavam a frente do coletivo. O país via-se representado por uma elite que tolhia e comandava o resto da população, e que via esta dominação como algo natural, o brasileiro era “cordial” e aceitava sua situação com passividade e indiferença, era necessário segundo ele que as massas despertassem de seu sono.

Para ele a elite brasileira era “negadora de virtudes sociais”, conclui que “a democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido [...] os movimentos aparentemente reformadores no Brasil, partiram quase sempre de cima para baixo” e que “a grande massa do povo recebeu-as com displicência, ou hostilidade” (HOLANDA, 1995, p.160). Em país onde “as constituições eram feitas para não serem cumpridas, as leis existentes para serem violadas, tudo em proveito de indivíduos e oligarquias” (HOLANDA, Idem, p.182) defendia uma revolução no sentido vertical, onde o povo tomasse as rédeas do processo. Aliás, segundo Francisco de Assis Barbosa (1988, p.45) esta é uma das

características fundamentais de suas obras, não compreendia uma história do qual o povo não participasse, expulso das histórias oficiais e apologéticas, o povo, ganhava nas obras de Sérgio Buarque de Holanda status de personagem. Assim, Sérgio Buarque foi no seu tempo um dos primeiros intelectuais a chamar a atenção para as massas e sua importância no processo histórico, para ele no Brasil, as classes populares se viam marginalizados e excluídas, e portanto sua participação na política nacional era naquele momento ínfimas.

Com essas relações apontadas acima, entendemos que para Sérgio Buarque de Holanda escrever história consiste em escolher métodos fluidos que revelassem o vir a ser, as pluralidades, as diferenças. È preferível trabalhar com especificidades e não com conceitos abstratos valorizando os pormenores insignificantes. Seguindo o que referenciamos, Sérgio Buarque criticava nos historiadores de seu tempo, o que ele chamava de “espírito de uma época”, deslumbrando pelas formas dominantes. Como historiador, chamava a atenção para os indícios imperceptíveis, o que ele chamou de “pormenores significativos” que apontavam caminhos fragmentários, imperceptíveis, destas pistas é que surgiria a voz dos figurantes mudos em processo de forjar estratégias de sobrevivências, pois “os caminhos institucionalizados escondiam os figurantes mudos e suas falas” (DIAS, 1998, p.16). Em suas obras aparece o povo, os vagabundos recrutados nas monções, os índios e os mamelucos nas bandeiras que até aquele momento estavam esquecidos das histórias oficiais.

Assim conforme o que referenciamos ao longo do texto Sérgio Buarque de Holanda foi em seu tempo um historiador extremamente preocupado com o pensar a realidade nacional brasileira, desta forma o intelectual que no presente escreve sobre o passado deve sentir-se sua importância no processo histórico ao deixar claro que a partir de suas obras poderá ele mudar a visão de seu leitores fazendo com que adquiram consciência histórica levando-os a agirem de forma a mudar a sua realidade e conseqüente a de nosso país. Este historiador que foi uma das mentes mais brilhantes do Brasil no século XX nos deixa visível em suas obras que o saber histórico deve fazer com que nós seres humanos agimos e transformarmos o mundo do qual somos personagens reais.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Francisco de Assis. **Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até Raízes do Brasil.** In: Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra. São Paulo: Secretaria de Estado e da Cultura/ USP, 1988.

BLAJ, Ilana. **Sérgio Buarque de Holanda: historiador da cultura material.** In: CANDIDO, Antonio (org.). Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

CANDIDO, Antonio. **O significado de Raízes do Brasil.** In: Raízes do Brasil. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DIAS, M.O.L.S. **Sérgio Buarque de Holanda, historiador.** IN: Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Col. Grandes Cientistas Sociais, Ática, 1985.

_____. **Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda.** In: Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra. São Paulo: Secretaria do Estado de São Paulo/Usp, 1988.

_____. **Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda.** In: CANDIDO, Antonio (org.). Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil. São Paulo: 1998.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Trad. Maria de Lourdes Meneses. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história.** Trad, Dílson Bento de Faria Ferreira Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

HOLANDA, Sérgio B. de. **Apologia da história.** In: COSTA, Marcos. Para uma nova história. São Paulo: Perseu Abramo, 2004 b.

_____. **Caminhos e Fronteiras.** 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

_____. **Monções.** 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Sobre uma doença infantil da historiografia**. In: COSTA, Marcos. Para uma nova história. São Paulo: Perseu Abramo, 2004 b.

_____. **O senso do passado**. In: COSTA, Marcos. Para uma nova história São Paulo: Perseu Abramo, 2004 b.

_____. **Visão do Paraíso**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MARTINS, Estevão C. de R. **Historiografia: o sentido da escrita e a escrita do sentido**. História e perspectivas, Uberlândia (40): 55-80, jan.jun.2009.

RÜSEN, Jörn. **Narratividade e objetividade nas ciências históricas**. Textos de História, Revista do Programa de Pós-graduação em História da UNB, v.4,n.1, 1996, p.75-102.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4ª Ed, Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp.. Brasília: editora UNB, 2008.

WITTER, José Sebastião. **Prefácio**. In: O Extremo Oeste. São Paulo: Brasiliense, 2004.